

Portugal Um país sem qualificações

Os trabalhadores portugueses são menos qualificados do que os brasileiros, os turcos ou os mexicanos. Pior: os padrões nacionais têm ainda menos instrução — oito em cada dez nunca foram além do ensino básico. "É gravíssimo. Portugal está no campeonato do primeiro mundo, mas continua a jogar no tabuleiro do terceiro mundo em relação a uma série de indicadores extraordinariamente importantes como o das qualificações. É a nossa vergonha máxima", afirma Maria João Valente Rosa, professora da Universidade Nova de Lisboa e directora do projecto Pordata (Base de Dados Portugal Contemporâneo).

Apesar dos progressos significativos registados neste campo nos últimos anos, a investigadora defende que "o país tem de andar mais rápido" para conseguir contrariar todo o tempo perdido. E a herança é pesada: no início do século XXI, Portugal continua a ter cerca de 10% de analfabetos, "o mesmo valor que o Norte da Europa registava no final do século XIX".

Além de atrasado, o ensino "exclui anualmente uma enorme massa da população", por estar direccionado para as elites e

muito desfasado da vida das pessoas e do mercado de trabalho, critica Jorge Ramos do Ó, especialista em História da Educação. "Os alunos saem das universidades sabendo muito pouco. Os que acabam com 18 valores de média são os que têm maior capacidade de memorização. Não se apela à criatividade e ao empreendedorismo. Há uma cultura de passividade".

Com o canudo na mão, são cada vez mais os que fogem dos salários baixos, dos vínculos precários e das empresas pouco competitivas. Em busca de um futuro mais promissor, muitos acabam por rumar ao estrangeiro. "Era deles que o país mais precisava mas uma parte importante dos mais qualificados, mais criativos e dinâmicos está a sair. Não há estímulos para ficarem", refere Jorge Malheiros, do Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa.

Mas não são só os 'cérebros' a atravessar a fronteira. O Observatório da Emigração estima que estejam a partir 80 a 100 mil pessoas por ano, um valor próximo do registado na década de 60. Havendo cada vez menos gente a querer entrar e estando a aumentar o número dos que se vêem forçados a sair, "daqui a quinze anos há o risco de não haver população suficiente para alimentar o sistema produtivo nacional", alerta o especialista.

Hoje, a imagem de Portugal é a de "um país sem oportunidades, sonolento e deprimido", um cenário que assusta os portugueses e afugenta os investidores estrangeiros. Na hora de decidir em que país aplicar o dinheiro, factores como a burocracia, o laxismo e a lentidão da justiça portuguesa também pesam na análise das multinacionais, frisa a historiadora e socióloga Maria Filomena Mónica. Não é para menos: em média, um processo num tribunal de 1ª instância demora 25 meses a ser resolvido. Sem contar com recursos.

Se o presente é desanimador, o cenário para 2011 não é mais optimista. "Será um dos anos mais difíceis de sempre. Temos de nos mentalizar de que vamos todos empobrecer", vaticina Isabel Jonet, directora do Banco Alimentar contra a Fome.

Textos de JOANA PEREIRA BASTOS e HUGO FRANCO



EDUCAÇÃO

31%

dos jovens deixaram de estudar antes de concluir o secundário. A taxa de abandono escolar é mais do dobro da União Europeia

Trabalhadores portugueses são os menos qualificados da Europa

Adultos (25-64) que concluíram pelo menos, o ensino secundário, em percentagem



Fonte: OCDE

Alunos mal preparados

Mais de 50% dos alunos têm níveis de literacia matemática baixos. No estudo da OCDE, Portugal ficou em 25º lugar entre 29 países

3 PERGUNTAS A

Maria Filomena Mónica

Historiadora e socióloga

Quais são as principais fragilidades do país?

A falta de uma cultura de competitividade e uma incapacidade de inovação, a cunha partidária, que provocou um sistema clientelar e gerou a desconfiança do povo em relação à classe política; a diferença abissal entre os mais ricos e os mais pobres, que é a mais alta da Europa; uma má governação causada por uma péssima lei eleitoral, que faz com que ninguém vigie os ministros, uma justiça lenta e burocrática que afugenta o investimento estrangeiro.

O país corre o risco real de se tornar na 'próxima Grécia'?

O povo português é muito diferente do grego. Estamos apáticos, desiludidos e tristes. Não me parece que haja uma explosão social como a que está a assolar a Grécia. É preciso não esquecer, no entanto, que os gregos se portaram pior do que os portugueses.

A crise económica pode afugentar ainda mais imigrantes do nosso país?

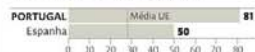
Para um imigrante da Ucrânia já não compensa deixar tudo para trás para vir ganhar a vida em Portugal, ou mesmo noutros países mais desenvolvidos como o Canadá ou Inglaterra. Tem de pensar duas vezes antes de o fazer. O que deixa uma interrogação: vai trabalhar para onde? É difícil saber porque a crise é mundial e não tem poupa-do ninguém.



TRABALHO

Maioria dos patrões portugueses não tem mais que o 9º ano

Porcentagem de patrões só com o ensino básico



Fonte: INE

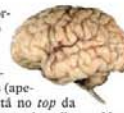
Só 9% dos empregadores nacionais têm curso superior, 10% chegaram ao secundário e a esmagadora maioria (81%) nunca foi além do 9º ano. Na Europa, só 28% dos patrões, em média, têm o ensino básico. Tendencialmente, os chefes são mais velhos do que os empregados e é nesses escalões etários mais altos que há mais falta de habilitações.

95%

das empresas têm menos de dez funcionários. As grandes empresas, com maior competitividade e capacidade de internacionalização, são apenas 0,8%

15% dos cérebros portugueses vivem fora do país

Nos últimos anos, Portugal tem perdido muita da chamada "massa cinzenta". Em proporção ao número de licenciados (apenas 14%), o país está no top da fuga de cérebros, segundo o Banco Mundial. Pior, só a Nova Zelândia e a Irlanda. Mais de 100 licenciados abandonam Portugal todos os meses em busca de um emprego à altura das suas habilitações e de um salário condigno.



POBREZA

407

euros/mês é o valor que define o limiar da pobreza. 1,9 milhões de portugueses (cerca de 20%) vivem com menos do que isso

Enredados em vários créditos pessoais

Cada português deve quase €10 mil à banca. 80% dos créditos são de habitação e 10% são para financiar o carro. Os créditos pessoais são os mais incumpridos. No ano passado, mais de duas mil famílias sobreendividadas pediram ajuda à DECO. Em 2005, tinham sido cerca de 500.



Quase metade da população seria pobre sem apoio do Estado



Fonte: INE

Se não fossem os subsídios de desemprego, de reinserção social ou as pensões, 41% dos portugueses estariam em risco de pobreza. Mesmo com os apoios, 18% são pobres.